

DELEUZE, EDUCAÇÃO E ACONTECIMENTO: UM PERCURSO RIZOMÁTICO

*DELEUZE, EDUCATION AND EVENT
A RHIZOMATIC ROUTE*

Maiquel Cristian REICHERT

Doutorando em Educação pelo programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo.
E-mail: cristianreichert33@gmail.com

RESUMO

A ideia de Acontecimento pode dar uma importante contribuição à educação, algo sempre está acontecendo em ambientes pedagógicos, algo sempre pode acontecer, assim como a grama nunca para de crescer. Os ambientes educacionais são potencialidades à revelia de sua disciplinarização, o Acontecimento nos permite ver de forma singular as relações pedagógicas. Decidimos empreender uma viagem em torno desse conceito, dos estoícos até Deleuze, assim podendo traçar paralelismos entre o conceito e a educação. O que acontece em ambientes de aprendizagem? Abordaremos também a diferença entre evento e acontecimento, o primeiro termo tem sido mais associado à perspectiva pedagógica, por fim, o entendimento de acontecimento histórico.

Palavras-chave: Acontecimento. Educação. Estoicismo. Evento. Deleuze.

ABSTRACT

The idea of Happening can give an important contribution to education, something is always happening in pedagogical environments, something can always happen, just like the grass never stops growing. Educational environments are potentialities despite their disciplining, the Event allows us to see pedagogical relationships in a unique way. We decided to undertake a journey around this concept, from the Stoics to Deleuze, thus being able to draw parallels between the concept and education. What happens in learning environments? We will also address the difference between event and happening, the first term has been more associated with the pedagogical perspective, finally, the understanding of historical event.

Keywords: Happening. Education. Stoicism. Event. Deleuze.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado na área de Arte educação, onde por meio de uma intersecção com o campo da filosofia procuramos responder à pergunta: O que nos acontece em ambientes de aprendizado? O que acontece em uma aula? O que pode acontecer? São perguntas que promoveram essa pesquisa e jornada em torno desse conceito chave para nós. Ocupamos um campo, a filosofia, para encontrarmos nossa resposta, ou mais perguntas. Esse artigo é uma tentativa de compartilhar esse estudo, daquilo que serviu como nossa *lição de casa* para emprendermos nosso processo, mas que não fez parte de nossa dissertação.

Nesse artigo propomos uma forma de olhar para conceito Acontecimento colocando em jogo com a ideia de evento – presente em estudos sobre educação -, identificando as ideias de corpo, ser e incorporal como elementos para esse entendimento, e por fim, a construção histórica em torno da ideia de Acontecimento. Não propomos uma metodologia mas uma possibilidade de o leitor nos acompanhar, com seus recursos e suas chaves.

Genealogia do Acontecimento

Propor uma forma genealógica de pensar sugere uma ideia de pensamento estruturado, centralizado e arborescente. Esse na verdade é um falso cognato, o que se pretende com essa figura de linguagem é propor um passeio, uma viagem pela arqueologia do conceito - não se trata, também, de aplicar o método analítico de Foucault, mas de realizar uma incursão discursiva. E como incursão podemos entender ocupação. Desejamos ocupar um espaço que ora pertence ao campo da Filosofia, e que como Arte educadores tensionamos uma relação reflexiva. A Filosofia e a Arte, como campos dos saberes – a Filosofia na criação de conceitos e a Arte na criação de sentidos (perceptos e afectos) (DELEUZE; GUATTARI, 2000a) – lidam com forças sensíveis, num movimento de “pensar forças, e pensá-las como tal, por si mesmas, abstração feita da sua transcendência ontológica, da sua concreção em formas, em seres formados” (DIAS, 2012, p. 35). Forças pressupõem tensões. Voltando ao pensamento arbóreo, cartesiano, criticado por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia Vol. 1* (2000b), se trata de uma forma de pensamento dicotômico, unilateral e antinatural (ideia de tronco-eixo gerador dos galhos discursivos). Propomos seguir uma via outra dessa proposição, gerando uma tensão inerente ao que foge do cartesianismo, essa via, também proposta pelos autores citados, se dá pela ideia de *rizoma*, advindo da botânica (a raiz de gramíneas que se espalham e se interconectam formando uma rede de comunicação horizontal) e não possui um eixo gerador, mas uma multiplicidade de conexões

e de ramos-forças. Esse será nosso espaço discursivo tensionado de ocupação, híbrido, e como tal, movido pela ousadia de se caminhar em terreno movediço dos conceitos, buscando criar sentidos para nossa atuação na educação.

Deslocando-se entre os ramos-forças que constituem a Filosofia, encontramos a ideia de Acontecimento, uma substância relativamente nova na filosofia contemporânea pós Nietzsche, presente na obra de Gilles Deleuze *Lógica do Sentido* (2015), pela leitura que este faz do estoicismo antigo. Mas antes de apresentar nossa leitura, é necessário atentar para outra força, ou ramo-força, que surge anterior ao conceito: a necessidade de compreender o que acontece. Mais que nomear, esse é um movimento epistemológico para iluminar um problema, entender o que é sentido em nossas relações pedagógicas. Nosso problema surge com as perguntas: O que acontece que algumas aulas nos deixam marcas e outras não? Quais aulas carregamos as marcas e estão presentes em nós (no nosso fazer docente)? O que torna uma aula um Acontecimento? Articular esse conceito filosófico com ideias pedagógicas em educação pode gerar tensões e produzir rupturas, mas na verdade estabelece o agenciamento das multiplicidades de um campo empírico. “O que pressupõe uma orientação imediatamente prática, e não representacionista, do pensamento filosófico” (DIAS, 2012, p. 16). Esse deslocamento de uma filosofia representacional para uma filosofia empirista é um marco da filosofia contemporânea.

[...] o empirismo configura, segundo Deleuze, o levantamento do conceito contra a ontologia, do conceito-Acontecimento como única forma de destronar a ontologia, a insurreição do E contra o É, das conjunções contra o seu enfeudamento na filosofia tradicional ao verbo ser. Porque o E não é uma conjunção entre outras, mas o poder comum de todas as conjunções, a sua força destituente do primado do É. Pensar com E, em vez de pensar É, de pensar por É: o empirismo nunca teve outro segredo. Tal é o segredo do empirismo. O empirismo não é de modo nenhum uma reação contra os conceitos, nem um simples apelo à experiência vivida. Ele empreende pelo contrário a mais louca criação de conceitos jamais vista ou ouvida. O empirismo é o misticismo do conceito, e o seu matematismo (DIAS, 2012, p. 18).

O empirismo europeu, ou pragmatismo norte americano, considera as experiências como fontes inesgotáveis de conceitos filosóficos. Podemos afirmar, então, que a ideia de conceito passa por um ponto de virada na modernidade, o filósofo opera numa dimensão muito mais aproximada do fazer-arte. Segundo Sousa Dias (2012, p. 22): “Inventar conceitos. Tal é a persistente tarefa filosófica [...]”; expõe uma dessas aproximações à ideia de criação/invenção em filosofia, concordando com Deleuze e Guattari (2000a), para quem a filosofia seria uma arte (na criação de conceitos), ao cogitar uma estética do conceito. Desde já é preciso instituir, nessa tentativa de ocupação, que tanto a arte quanto a filosofia podem se relacionar de forma mais intensa estabelecendo uma coparticipação em nossa pesquisa, e que sim, é intencional pensar uma arte-filosófica e uma filosofia-artística. Mas isto não é mérito nosso, basta observarmos como, na filosofia contemporânea, essa relação passou a se intensificar quando Deleuze recorre à literatura como *Alice no país das maravilhas* em *Lógica do Sentido* para explicar conceitos filosóficos,

ou quando recorre ao cinema, para pensar a imagem, movimento e tempo. Mas, como dito, o campo de atuação da filosofia é bem reconhecido: inventar conceitos. Uma arte de inventar conceitos.

Os conceitos têm vários aspectos possíveis. Durante muito tempo foram utilizados para determinar o que uma coisa é (essência). Pelo contrário, nós interessamo-nos pelas circunstâncias de uma coisa: em que casos, onde e quando, como etc.? Para nós, o conceito deve dizer o Acontecimento, e já não a essência. Daí a possibilidade de introduzir procedimentos romanescos muito simples em filosofia. (DIAS, 2012, p. 15)¹

Deleuze relaciona conceito com Acontecimento, desta forma abre caminho para uma acontecimentalização da filosofia que pensa por meio de situações, não reais, não locais, mas conceituais: “O conceito diz o Acontecimento, não a essência ou a coisa. É o Acontecimento puro [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2000a, p. 33). Concebendo o pensamento como forma acontecimental, a filosofia se aproxima do romance num teatro dos conceitos, daí o advento artístico de uma filosofia do Acontecimento. Uma filosofia como romance “deve-se perguntar ‘o que é que vai acontecer?’, ‘o que é que se passou?’. Só que os personagens são os conceitos, e os meios, as paisagens, são ‘espaços-tempos’” (DIAS, 2012, p. 15)². Deleuze opera na perspectiva do *acontecimentalismo* para pensar a filosofia, que nesse sentido significa o “tratamento de conceitos como Acontecimentos e não como noções gerais, como singularidades e não como ‘universais’” (DIAS, 2012, p. 15). Destacando a diferença entre singular e universal, entendemos como um caminho para um pensamento sem identidade, contra a ideia de uniformidade das roupagens que caibam em todos, mas como fenômeno emergente nos sujeitos não identificados.

A filosofia tem uma função que permanece perfeitamente actual, criar conceitos. Ninguém o pode fazer por ela [...] ela é criadora ou até revolucionária, por natureza, na medida em que não para de criar novos conceitos. A única condição é que eles tenham uma necessidade, mas também uma estranheza, e têm-nas na medida em que respondam a verdadeiros problemas. O conceito é o que impede o pensamento de ser uma simples opinião, um parecer, uma discussão, uma tagarelice. Todo o conceito é um paradoxo, forçosamente (DIAS, 2012, p. 23).³

Daí temos a distinção que é o pensar filosoficamente, e o quanto esse movimento requer uma postura desinteressada ao mesmo tempo que é propositiva, o paradoxo do pensamento filosófico está em não acreditar na verdade como fim da filosofia, mas na desconfiança dos próprios pensamentos.

¹ Tradução de Sousa Dias, do: DELEUZE, Gilles. *Pourparlers*. Paris: Ed. De Minuit, 1990. (p. 39)

² *Ibidem* (p. 192).

³ *Ibidem* (p. 186).

Uma pedagogia do evento ou do Acontecimento?

O Acontecimento, como episteme, aponta para uma aproximação entre o vivido e a filosofia. Pensar o conceito como Acontecimento nos diz que o nosso problema/pergunta possa carecer de um nome, já que este assume uma função epistemológica (ser conceito), ou que o nome tenha seu sentido deslocado, ou que não-é. Como podemos chamar de Acontecimento aquilo que outros teóricos podem chamar de evento? É fato que esse termo é usado para pensar ideias pedagógicas – visto o famoso artigo de Dennis Atkinson, 2014: *Pedagogy of the Event* -, mas encontramos no Acontecimento a sutileza que buscamos da interação entre os seres no agenciamento EU-TU > NÓS como virtualidade incorporal coletiva, em oposição a algo que carrega uma ideia de excepcionalidade. Não que o Acontecimento não seja uma singularidade, mas é de uma oitava mais elegante, intangível e menos intervencionista, daí a dificuldade em se trabalhar com essa ideia na perspectiva pedagógica. Méndez sinaliza um caminho possível entre pedagogia e evento: “A pedagogia do evento procura dar espaço a procedimentos da verdade na aprendizagem, isto é, dar espaço ao imprevisível” (MÉNDEZ, 2015, p. 29).

Evento e Acontecimento, na acepção comum, soam como sinônimos, também em muitos trabalhos acadêmicos podem significar a mesma coisa. Por isso a necessidade em se construir um diálogo com a filosofia e locupletar nosso discurso. Uma das ocupações da filosofia está em construir caminhos para a verdade. Para Badiou, evento e verdade são interdependentes, pois para a existência de um pende a ocorrência do outro (1996), o autor entende o evento como procedimento e chancela para a verdade. Méndez, observando o evento enquanto prática pedagógica e artística segue o mesmo caminho. “Nesta perspectiva o evento pedagógico e o evento artístico não são verdades nem tratam de verdades, mas provocam procedimentos da verdade” (MÉNDEZ, 2015, p. 27). De fato, Badiou comunga com um certo empirismo ao pensar essa relação, apontando para uma filosofia acontecimental.

É o evento que depende de uma construção de conceito, no duplo sentido em que não o podemos pensar senão antecipando sua forma abstrata, e em que não o podemos confirmar senão na retroação de uma prática interveniente, ela mesma inteiramente refletida. Um evento é sempre localizável. Que quer dizer isto? Primeiro, que nenhum evento diz respeito imediatamente à situação em seu conjunto. Um evento está sempre num ponto da situação, o que quer dizer que ele “concerne” a um múltiplo apresentado na situação, seja qual for o significado da palavra “concernir”. (BADIOU, 1996, p. 147)

Desponta, portanto, uma familiaridade entre as duas ideias, mas não uma similaridade, convém distinguir que para Deleuze o Acontecimento *É* o conceito, mas para Badiou o evento *DEPENDE* do conceito como um localizável, erige o conceito da situação. “Um evento, por outra parte, acontece em uma dada situação, mas não pertence a ela já que um evento só se manifesta como uma perturbação que

ainda não se compreende” (MÉNDEZ, 2015, p. 27). Evento como prática e como meio de confirmação do conceito, são como uma situação incompleta, mostrando uma faceta da situação. O momento em que ocorre a ruptura da situação, “se refere a um acontecimento inesperado que nos atravessa e do qual aprendemos no processo por trazer uma ruptura com a rotina” (MÉNDEZ, 2015, p. 27). Percebemos em Méndez, um entendimento sobre o evento que nós chamamos de Acontecimento: a questão de ruptura da rotina, a emergência da perturbação, mas em nossa concepção isso se dá num nível menos provocado e intencional. Atentemos para perspectiva de evento enquanto fenômeno de grau intencional, não como ato, nem como fato, embora ele seja localizado, nesse sentido ele é muito mais tangível que o Acontecimento, e mais histórico também.

Estabeleceremos de uma vez por todas que não há evento natural, nem tampouco evento neutro. Nas situações naturais ou neutras não há senão fatos. A distinção entre o fato e o evento remete, em última instância, à distinção entre as situações naturais, ou neutras, cujo critério é global, e as situações históricas, cujo critério (existência de um sítio) é local. Não há evento senão numa situação que apresente ao menos um sítio. O evento está preso, em sua própria definição, ao lugar, ao ponto, que concentra a historicidade da situação. Todo evento tem um sítio singularizável numa situação histórica (BADIOU, 1996, p. 147).

Essa definição mostra que, para Badiou, a situação do evento depende de um lugar, ou seja, é local, e não é acidental, há intencionalidade no evento. Portanto o Acontecimento, em nossa leitura, subverte essa noção de evento, pois não é local, é *alocal*, não é histórico, é atual, não é intencional, pois irrompe/acontece, é uma singularidade por estar nos campos simbólicos e sensíveis. Concordamos em relação a neutralidade, pois o Acontecimento também não é neutro, necessita da proposição (no campo educacional) para existir. Méndez, no seu entendimento, compreende o evento de forma similar. “Se tratando de uma ruptura, um evento está, por uma parte, relacionado ao novo, mas também ao inesperado, àquilo que não pode ser calculado ou ao indesejável” (MÉNDEZ, 2015, p. 27). Em outra parte, reconhece o caráter inesperado e inédito do evento no campo pedagógico e artístico: “O evento pedagógico e o evento artístico são perturbações e rupturas que conduzem ao desconhecido, ao inesperado, àquilo que nos faz ver as coisas como se fosse pela primeira vez” (MÉNDEZ, 2015, p. 28).

Vimos a relação paradoxal entre evento e Acontecimento, antecipando uma discussão que possa surgir, não a esgotamos, pois é uma controvérsia que poderá gerar outro artigo. Em suma, buscamos entender uma situação que se passa em planos sutis de percepção, que está no campo do sentido e do efeito incorporal. Uma compreensão que gera um estado, uma afetação e uma epifania. Cujo estado é o *alocal* da consciência e o incorporal dos corpos. Uma compreensão que abrange um agenciamento do EU-TU>NÓS, ou seja dilui o EU no coletivo: essa é distinção do Acontecimento, necessita da mistura dos corpos para acontecer, não sendo parte de uma memória mas sim de uma virtualidade, que como tal se atualiza no presente (DELEUZE, 2015).

Deambulando por outro ramo desse rizoma, passamos ao ramo-Deleuze, que em *Lógica do Sentido* (2015) aborda a ideia de Acontecimento em intrínseca relação com o sentido, reconhecendo suas semelhanças por serem atributos dos corpos, para Deleuze o Acontecimento é devir/ tornar-se outro (DELEUZE, 2015). O autor percorre um caminho para decifrar essa concepção na filosofia, partindo da ideia de incorporal no estoicismo. Vamos entender as elucubrações propostas pelo estoicismo, ocupando, como Deleuze, esse campo filosófico no ramo-estóico.

Acontecimento no horizonte do estoicismo: o ser como corpo

O estoicismo como corrente filosófica da antiguidade, aponta em uma de suas abordagens discursivas o entendimento sobre *ser*, subvertendo Platão e Aristóteles nesse campo filosófico, a saber: a ontologia e a filosofia como sistema de representação. Os primeiros estóicos pensam uma noção de corpo e incorporal que estabelece um olhar peculiar sobre tudo que existe. Esses personagens encenam pela primeira vez, tendo como cenário o mundo grego antigo, “a noção de incorporal ou Acontecimento. Noção complexa e difícil à qual se contrapõem e tentam fugir do platonismo e da filosofia peripatética, levando-as, com humor (e não com ironia), ao pé da letra” (BRÉHIER, 2012, p. 03). Tomemos, então, a noção de incorporal como Acontecimento como aponta Émile Bréhier.

Antes de adentrarmos na questão central da nossa pergunta, vamos reconhecer algumas chaves importantes do pensamento estóico que podem nos auxiliar nessa ocupação. Os estóicos construíram alguns alicerces epistemológicos presentes na filosofia contemporânea que fundamentaram a ideia de empirismo, como a noção de corpo e incorporal/Acontecimento. Outra contribuição, está em pensar além da representação para construir uma nova ontologia do ser, reverberando em Nietzsche, Foucault e Deleuze, por exemplo. “Os estoicos inventam um mundo de encontros e de misturas de corpos, uns nos outros [...] Inventam, antes mesmo da Antropofagia brasileira, esse mundo infernal de misturas e canibalismos” (BRÉHIER, 2012, p. 04)⁴. Pensam pela imagem do corpo (EU) que afeta outro corpo (TU), nesse interim relacional (NÓS) surge o incorporal/Acontecimento (virtual). Pensando a partir do percurso de Deleuze no ramo-estóico, destacamos o período o qual estamos tratando e como se dá o processo Antropofágico de Deleuze com esse corpo-sistema:

Ao falarmos da relação de Deleuze com os estoicos deve-se salientar que ele não se refere a algum estoico em especial, mas à escola do Pórtico, a Stoá. Destarte, percebe-se que ele possui uma preocupação maior com os primeiros estoicos: Zenão, Cleantes, Crisipo e os médios estoicos: Panécio e Possidônio. [...] Esses primeiros estoicos possuem principalmente a

⁴ Apresentação dos tradutores Fernando Padrão de Figueiredo e José Eduardo Pimentel Filho, à edição brasileira do livro de Émile Bréhier *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*.

compreensão de que a filosofia deve ser pensada enquanto sistema. Não queremos dizer com isso que Deleuze não tenha conhecido com propriedade os estoicos imperiais, antes pretendemos sublinhar que a sua preocupação estava estritamente relacionada à montagem de uma ontologia do ser que subvertesse a tradição e tal preocupação manteve-o mais próximo dos primeiros estoicos, já que estes tinham como meta a elaboração de um sistema que não apenas buscava uma síntese acerca do cosmos, mas principalmente pensavam essa síntese fora dos ditames da filosofia platônica-aristotélica (MIRANDA, 2019, p. 02).

Na *Alegoria da Caverna* de Platão, por exemplo, há um paradoxo sobre a representação. Podemos entender como problema da imagem do ser. Retomando essa imagem: na caverna estão alguns seres que só podem ver o que se passa na parte exterior pela imagem refletida em sombras no teto; não há uma visão do externo por estarem confinados por uma parede. A caverna e tudo que há na sua realidade fazem parte do ser, e tudo que é refletido em sombras são as representações do ser. Assim, a realidade possui suas representações de realidade, o ser suas representações de ser. Para os estóicos o ser assume a ideia de corpo, ou seja, tudo que existe na caverna inclusive os simulacros fazem parte da ideia de corpo, e só um corpo pode tocar outro corpo. Já o que não é existente, o incorporeal, não pode jamais tocar o corpo, mas estar na superfície do corpo, também participando da ideia de ser. Assim, o corpo dos seres da caverna se misturam com o corpo dos simulacros (imagens) cujo efeito incorporeal/Acontecimento se dá na virtualidade do NÓS (SERES-SIMULACROS > NÓS) se atualizando num atributo-QUESTIONAR. Assim em nossa perspectiva pedagógica os simulacros da caverna (corpos) se misturam com os seres viventes (corpos), originando um terceiro ente: o incorporeal/Acontecimento, que mobiliza os seres a empreender uma travessia pela fissura provocada pelo Acontecimento na rotina da caverna. Assim entendemos as relações educacionais, os corpos (professores, alunos, sala, discursos...) se misturam e criam uma singularidade acontecimental, uma fissura na rotina: o Acontecimento do aprendizado.

Uma divergência reconhecida por Deleuze sobre a tradição ontológica, como aponta Miranda (2019), está entre predicado e proposição. A lógica predicativa escava as propriedades e qualidades do ser, enquanto a lógica propositiva, que Deleuze chama de enunciado, cria movimentos no ser, mobilizando um certo conhecimento e uma certa urgência. “Deleuze não se atém aos elementos da dialética e da retórica estoicas, sua análise recai sobre as contribuições destes na formulação de uma lógica propositiva e não predicativa” (MIRANDA, 2019, p. 02). O predicado diz sobre o ser, a proposição diz para o ser.

Miranda destaca o estoicismo antigo, ou os primeiros estóicos (infelizmente poucos escritos sobreviveram ao tempo, o que nos resta são fragmentos desses filósofos), e lembra que há uma atualização no sistema de pensamento com os estoicos imperiais, posteriores, o que não é nosso foco de ocupação. Queremos entender, com essa incursão ao ramo-estoico, as bases para se pensar o Acontecimento a partir de pensadores como Deleuze. Em suma, *beber da mesma fonte*, se misturar nesse

corpo-sistema e retornar ao nosso corpo conceitual com essas afetações, não da mesma forma como Deleuze, e outros, mas da forma que nos é interessante e possível.

Deleuze se interessa pelos estóicos como estratégia para subverter os dois principais pilares da filosofia como representação, Platão e Aristóteles, buscando uma saída pelo problema posto por eles, que considera o ser como uma identificação integral e metafísica (MIRANDA, 2019).

Uma questão chave para o problema da tradição ontológica do ser, e que os estóicos trazem uma nova perspectiva, está na representação do ser como uma totalidade real e metafísica, o qual também é um problema no entendimento de Deleuze sobre a tradição. Para o estoicismo se tudo existe, nada pode não existir. Se o ser é fragmento de uma ideia transcendente não há espaço para mobilidade do ser. Para nós essa revolução de Deleuze é o entendimento do ser enquanto Acontecimento. Poderá significar um princípio para se pensar de maneira acontecimental uma outra ontologia.

O que chama a atenção em um ser é, primeiramente, o elemento pelo qual ele se assemelha aos outros seres e que permite classificá-lo. Mas outro ponto de vista consiste em considerar este ser por sua história e sua evolução, do seu surgimento até o seu desaparecimento. O ser será, então, considerado não como parte de uma unidade superior, mas como sendo a unidade e o centro de todas as partes que constituem sua substância e de todos os Acontecimentos que constituem sua vida. Ele será o desdobramento no tempo e no espaço desta vida, com suas contínuas mudanças (BRÉHIER, 2012, p. 10).

Ao pensarmos no ser e a dimensão dessa denominação, questionamos: Qual é a natureza do ser? O ser está individuado? Deleuze numa aula no Centro Universitário de Vincennes em 03/06/1980, cujo título do vídeo dessa aula no Youtube é: *Não somos pessoas, somos Acontecimentos*; diz em certo momento: “...o segredo da individuação não é a pessoa, pois que a verdadeira individuação é aquela dos Acontecimentos [...] se somos individuados é à maneira de Acontecimentos e não à maneira de pessoas” (DELEUZE, 1980, pt. 1:02:38). Ao pensarmos o ser como Acontecimento, podemos incorrer sobre a ideia de individuação, pois, o indivíduo é constituído de Acontecimentos. Portanto, não confundamos a ideia de ser com a ideia de pessoa, assim como a ideia de corpo para os estóicos, o ser é tudo que existe materialidade. O ser como Acontecimento possui uma causa de semelhante para semelhante.

Os exemplos são quase todos, como se pode observar, tomados de empréstimo dos seres vivos. Mesmo no caso contrário, os demais seres são, no pensamento íntimo dos estoicos, similares aos seres vivos. A coisa é demasiado conhecida para insistir nela longamente: o mundo inteiro, com sua organização e a hierarquia de suas partes, sua evolução que vai de uma conflagração a outra, é um ser vivo. Até o mineral, com a coesão de suas partes, possui uma unidade análoga à do ser vivo. Assim, o dado a explicar, isto é, a mudança do ser, é sempre análogo à evolução de um ser vivo (BRÉHIER, 2012, p. 10).

Bréhier nos diz, em certo sentido, sobre as causas do ser, o que o origina, o forma, o forja. Nessa acepção o que interessa ao ser é seu percurso, é seu caminhar, pois isso faz parte de sua essência. “Dessa forma, a causa é, verdadeiramente, a essência do ser, não um modelo ideal que o ser se esforçaria em

imitar, mas a causa produtora que age nele, vive nele e o faz viver” (BRÉHIER, 2012, p. 10). A causa como mobilizador do ser sendo o próprio ser em ciclo. “Assim, a causa do ser é ele mesmo, da semente ao desenvolvimento do gérmen, da vida à morte. A mistura dos corpos não implica em sua dissolução...” (TEMPLE, 2011, p. 78). A causa do ser é o próprio ser, e não o efeito. No estoicismo a relação de causa e efeito não acontece. “Na realidade, Bréhier esclarece que a relação de causa e efeito entre dois seres é totalmente ausente na doutrina estóica” (TEMPLE, 2011, p. 76). Mas isso pode ser um paradoxo que nos retardaria.

O universo estóico prescinde das noções de permanente e estável, da causa pensada enquanto ideia ou motor imóvel, tão caras ao pensamento platônico e aristotélico. O que importa com relação ao estudo do ser para os estóicos é, sobretudo, considerar o ser em sua história e evolução. Quer dizer, a partir de noções como a corrupção, o movimento, o devir, e tudo aquilo que o ser comporta de instável que vai do seu surgimento ao seu desaparecimento (TEMPLE, 2011, p. 74).

Para concluir essa passagem sobre a ontologia do ser no estoicismo, podemos sintetizar que para essa corrente filosófica o ser é constituído por tudo que lhe acontece, ou seja, como disse Deleuze em sua aula, o ser (individuado) é o Acontecimento. Mas isso não é simples de entender pois essa ideia sugere que o Acontecimento é sua causa também, e como já foi dito, isso é bastante controverso.

Acontecimento como dispositivo histórico: última estação dessa viagem

Para finalizar essa incursão pelos ramos-forças da filosofia que nos ajudaram a entender o Acontecimento ao longo do tempo e dos personagens filosóficos, vamos admitir outra perspectiva sobre o Acontecimento: dispositivo histórico. Ao pensarmos em Acontecimento, recai sobre esse conceito o peso de conexões com diversas linhas da história. Em alguns momentos podem parecer sinônimos, pois não se pensa numa história alheia ao Acontecimento. Mas ressaltamos que para nós essa imagem está muito mais conectada à ideia de evento, algo que tem no tempo e no espaço seu progresso episódial. O Acontecimento pertence ao tempo de Aion, eterno e sem continuidade, a história pertence ao tempo de Cronos, cíclico e eventual, repetitivo. “O Acontecimento, portanto, põe em crise a ideia de história. O que acontece, enquanto acontece e rompe com o passado, não pertence à história e não poderia ser explicado por ela” (ZOURABICHVILI, 2016, p. 48). O Acontecimento como paradoxo do sentido, eterno e pertencente ao Logos universal escapa dos domínios da história. “Ou nada acontece ou então a história é somente a representação homogeneizadora de uma sucessão de Acontecimentos irreduzíveis (frequentemente submetidos, a partir do futuro...)” (ZOURABICHVILI, 2016, p. 48), intransigentes e incapazes de estabelecer um campo imanente, o campo do devir-ilimitado. “Sem esses Acontecimentos-devires nada se faria na história, mas eles não se confundem com ela” (DIAS, 2012, p. 114). Dias observa

o princípio da não eternidade do Acontecimento por esse não ser pré-existente, pontua que o Acontecimento é criado pela multiplicidade das relações corpóreas. Arriscamos dizer que o tempo da criação é o tempo do Logos, e, portanto, não histórico.

Os Acontecimentos não são eternos, não preexistem algures, criam-se, há que criá-los, por composição de elementos heterogêneos. Mas também não são históricos ou actuais. Concretizam-se em ocorrências históricas, nos dados da história colectiva ou individual, mas como a parte não histórica de todos esses dados e ocorrências (DIAS, 2012, p. 113).

O Acontecimento histórico é insuficiente perante o Acontecimento, a história tem no Acontecimento seu objeto, sua verdade factual, inflexível, imutável, assim sendo, “o objeto da história – o Acontecimento – faz com que o conhecimento histórico se situe no território definido entre o que está aquém do Acontecimento – as primeiras verdades – e o que está como que disperso em sua exterioridade...” (CARDOSO JR, 2005, p. 107). Desta forma temos um Acontecimento formal e limitado, episódio exterior da verdade factual. Contrapondo o Acontecimento fenomenológico e singularizado, a história seleciona os Acontecimentos pelo seu valor, não interessando o fenômeno. “Os Acontecimentos que contam são os que têm para nós um valor, não intrínseco ou essencial, mas atribuído, e somente estes seriam de fato individualidades” (CARDOSO JR, 2005, p. 107). E bem sabemos que a história carrega o peso de quem a conta, geralmente os vencedores que ignoram os outros personagens, erigindo uma visão única sobre um fato complexo.

Percorremos muitos ramos-forças nesse rizoma, inevitavelmente as contradições aparecem, e não é nossa intenção criar uma texto homogêneo, pretensamente coerente, para satisfazer nosso desejo em catalogar e enquadrar o conhecimento. Nos interessa as pistas que apareceram para decifrarmos o nosso problema, dessa forma, nos permitimos apenas ocupar e desocupar quando necessário, esse é o movimento de uma proposta de ocupação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa intenção com esse artigo é semear, mais do que colher e cultivar um método para uma Educação acontecimental, nosso desejo é que possamos, à luz da ideia de Acontecimento, olharmos para o campo da educação por uma perspectiva do vivente e menos para a perspectiva do disciplinar. O Acontecimento nos diz sobre a vida e sobre o imponderável que há nas relações pedagógicas, nos mostra que podemos assimilar esse imponderável como quem olha para algo e vê a singularidade esperando para ser significada, atribuída sentido.

O Acontecimento nos diz que tudo sempre está em movimento esperando para ser notado, nos diz que as relações entre os corpos educativos são o Acontecimento pedagógico. Nos diz que como

educadores podemos admitir as fissuras e os desvios, que por meio das proposições algo pode acontecer, algo espera por acontecer.

REFERÊNCIAS

BADIOU, Alain. **O ser e o evento**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1996.

BRÉHIER, Émile. **A teoria dos incorporais no estoicismo antigo**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2012. Disponível em: <https://lelivros.love/book/baixar-livro-a-teoria-dos-incorporais-no-estoicismo-antigo-emile-brhier-em-pdf-epub-mobi-ou-ler-online/> Acesso em: 15/03/2021.

CARDOSO JR, Hélio. R. acontecimento e história: pensamento de Deleuze e problemas epistemológicos das ciências humanas. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 28, n. 2, p. 105–116, 2005. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/896/802> Acesso em: 22/01/2021.

DELEUZE, Gilles. **Não somos pessoas, somos acontecimentos**: Aula de Gilles Deleuze no Centro Universitário de Vincennes em 03/06/1980. Youtube. 1980. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1CpsFZUBkO8&ab_channel=RodrigoLucheta Acesso em: 04/01/2021, 1:13:07.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Ed. 34, 2000a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs Vol.1: Capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2000b.

DIAS, Sousa. **Lógica do acontecimento**: Introdução à filosofia de Deleuze. Lisboa: Ed. Documenta, 2012.

MÉNDEZ, Maria Del R. T. F. **O evento artístico como pedagogia**. 2015. 321 f., il. Tese (Doutorado em Artes)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/22007#:~:text=O%20evento%20art%C3%ADstico%20co%20pedagogia.&text=Esta%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20trata%20dos%20eventos,a%20virada%20pedag%C3%B3gica%20na%20arte>. Acesso em: 04/03/2021.

MIRANDA, Wandelson S. De. A Teoria dos incorporais e a Filosofia do acontecimento de Gilles Deleuze. **Rev. Interd. em Cult. e Soc. (RICS)**, São Luis, v. 5, n. 2, p. 1–17, 2019. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/index> Acesso em: 28/01/2021.

TEMPLE, Giovanna. C. **Poder e resistência em Michel Foucault: uma genealogia do acontecimento**. 2011. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/4792/4527.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08/03/2021.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2009.

Disponível em:

<https://www.redehumanizaus.net/sites/default/files/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili1.pdf>

Acesso em: 09/03/2021

ZOURABICHVILI, François. **Deleuze: Uma filosofia do acontecimento**. São Paulo: Ed. 34, 2016



REICHERT, Maiquel Cristian. DELEUZE, EDUCAÇÃO E ACONTECIMENTO: UM PERCURSO RIZOMÁTICO. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.20, n.1, 2023, eK22005, p. 01-13.

Recebido: 12/2022

Aprovado: 01/2023